

(14.8); O Almoço da Coelhinha (21.8); O Leão e o Ratinho (28.8); O Feitiço do Raposinho (4.9); O Lobo e o Cordeiro (11.9); A Sopa de Pedra (18.9); O Rato da Cidade e o Rato do Campo (25.9); A Coelhinha Contadeira (2.10); O Mata-barbeiros (9.10); O Saco de Amendoim (16.10); A Pata do Gato (23.10); A Vaidade da Leoa (30.10); A Justiça do Macaco (6.11); O Casaco Encantado (em três partes, dias 13, 20 e 27.11); Os Bolinhos de Tia Benta (4.12); O Queijo (11.12) e O Pirata Simbita (18.12). (Foto 48)

O programa era simples e sua duração não ultrapassava os vinte ou vinte e cinco minutos. As peças necessitavam geralmente de dois a seis atores e de poucos cenários. Os figurinos eram alugados na Casa Teatral ou confeccionados pelo próprio TESP.

A produção do programa não diferia dos demais teleteatros. Os ensaios realizavam-se na sede do TESP, uma velha casa conhecida como o Elefante Branco. (1)

Com exceção dos ensaios finais, realizados no estúdio, o espetáculo chegava praticamente pronto à emissora, pois Júlio Gouveia absorvera rapidamente as técnicas do novo veículo.

A televisão, ainda inexperiente, beneficiava-se com o programa. Para recriar o mundo fantasioso onde bichos, gente, fadas e bruxas conviviam, era necessário um grande número de trucagens e efeitos especiais, os quais tiveram que ser praticamente descobertos ou inventados. Mas, acima de tudo, estava a criatividade de Júlio Gouveia e a da equipe da emissora que o ajudava a realizar o programa e solucionar algumas das dificuldades surgidas. (Foto 49)

O fabulário universal constituía a grande fonte onde Tatiana Belinky buscava os temas. O programa apresentava também adaptações de conhecidos contos infantis universais, tais como O Chapeuzinho Vermelho e Rapunzel.

“Objetivando sempre imprimir um sentido construtivo” ao programa, “de modo a não destruir o sentido educacional da televisão”, conforme observava o artigo “Fábulas Animadas – o programa diferente dedicado aos garotos”, Júlio Gouveia conseguia fazer um trabalho até então “inédito na história da televisão na América Latina”. (2)

Segundo ainda o mesmo artigo, a televisão ao entrar nos lares, orientava e educava os espectadores de uma forma ou de outra; esse objetivo do veículo era “soberamente alcançado pelo programa de Júlio Gouveia”, bastando para isso observar-se o “valor intrínseco dessas historiazinhas, aparentemente desprezíveis e sem um sentido mais amplo que não o de recrear simplesmente”.

Fazendo jus à fama de ser um programa estimulante para a imaginação das crianças, Fábulas Animadas instituiu um concurso permanente, pedindo que os telespectadores mirins enviassem uma fábula que eles houvessem lido, ouvido contar ou mesmo inventado. A história remetida era teatralizada e apresentada no programa. Isto despertava o gosto das crianças pela pesquisa em livros e a leitura, além de estimular a imaginação da própria criança.

Tendo sempre em vista a proposição educativo-cultural, sem jamais deixar de lado a recreação sadia, Fábulas Animadas entrou em 1953 com o sucesso que os cinco ou seis mil aparelhos receptores espalhados pela Capital de São Paulo e as cidades circunvizinhas permitiam. Em março, o programa, que adotara o nome do patrocinador passando a se chamar Fábulas Duchen, iniciou a apresentação seriada de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, extraída de As Mil e Uma Noites. Esta constituiu-se na semente que, poucos meses depois, levaria o programa a transformar-se e passar à novelização de conhecidos clássicos da literatura infanto-juvenil. Essa primeira versão das aventuras de Aladim – haveria uma segunda nesse mesmo ano – constou de oito episódios e de seu elenco participavam: Wilma Camargo, Luciano Maurício, Ítalo Rossi, Susy Arruda, Lúcia Lambertini, Gaetano Gherardi e outros.

Após os episódios de Aladim, Fábulas Duchen voltou à apresentação de histórias completas, com algumas exceções como, por exemplo, Os Três Porquinhos, apresentada em duas partes. Em agosto de 1953 o programa mudou de patrocinador e voltou a chamar-se Fábulas Animadas, nome que conservou até 1956. Durante esse período, alternando com histórias completas, o programa apresentou algumas séries: uma reprise de Aladim, de novembro de 1953 a abril de 1954; Labakan, o Alfaiate, de maio e julho de 1954; As Aventuras de Pinocchio, de agosto de 1954 a maio de 1955; Peter Pan, de agosto a dezembro de 1955; Heidi, de janeiro a agosto de 1956; Bibu e Bimbim, em agosto e setembro de 1956. As Aventuras de Pinocchio, com seus quarenta capítulos, pode ser considerada como a primeira novela de longa duração da televisão paulista. O papel-título foi vivido por Paulo Basco e nela trabalharam ainda: Felipe Wagner (Gepetto), David José (o Grilo Falante), Hernê Lebon, Lúcia Lambertini, Adélia Vitória e Edi Cerri, entre outros. (Foto 50)



(Foto 50) Felipe Wagner (Gepetto) em As Aventuras de Pinocchio (1954).
Fábulas Animadas – TV Tupi – São Paulo
Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky



(Foto 51) Verinha Darcy em Pollyanna (1956 – 1957).
TV Tupi – São Paulo
Foto/Arquivo Júlio Gouveia / Tatiana Belinky

(1) Tratava-se de um velho casarão de propriedade da família Gouveia que, por implicações legais com os vários herdeiros, não podia ser vendido. Como a reforma da residência exigia dispendiosos gastos e do modo como ela se encontrava não oferecia condições de moradia, não podendo portanto ser alugada, a casa, situada à rua Arthur Prado, nº 75, foi apelidada de Elefante Branco. Após limpar e arrumar improvisadamente os vários aposentos do sobrado, Júlio Gouveia ali instalou o centro de organização do TESP.

(2) A Época, São Paulo, 16 de janeiro de 1953.